

Na história, há reviravoltas. E zebras.

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, já conquistou a pole-position na corrida sucessória ao Palácio do Planalto. Isso pode significar uma vantagem aparente, mas não necessariamente a vitória. Como um piloto de Fórmula-1, ele pode derrapar antes da reta final, fechado por um concorrente mais hábil, ou sofrer uma ultrapassagem inesperada. As eleições para governador, em 86, e para prefeito, em 88, acabaram em surpresas inimagináveis na reta da largada.

Nas eleições do ano passado, por exemplo, Paulo Maluf (PDS) — arrancou disparado em primeiro lugar, com 30% das intenções de voto — jamais imaginou ser derrotado por Luiza Erundina (PT), que entrou na disputa com 8%. Outra lembrança curiosa: nas primeiras pesquisas o total de intenções de voto branco ou nulo (20%) era maior que a soma dos votos declarados a Erundina e a João Oswaldo Leiva, do PMDB (6%).

No desenrolar da campanha, Maluf manteve a liderança nas pesquisas (34%) até setembro. Erundina subiu para 17% e Leiva para 9%. Com o horário gratuito de rádio e tevê, Leiva subiu mais (24%) e emparelhou com Maluf, que vinha caindo (25%). No mês seguinte, Leiva entrou em queda; Erundina subiu e começou a ameaçar Maluf. As eleições foram decididas na reta de chegada. Mas essa não foi a única surpresa provocada pelo PT: na prefeitura de Campinas, Jocó Bittar (32,5%) ultrapassou o tucano Wanderley Simionato (28%) na última volta.

Na campanha para governador, em 86, Orestes Quércia amargava, em setembro, um terceiro lugar nas pesquisas (13,6) e despencava — pressionado pela polarização entre Antônio Ermírio de Moraes (PTB) e Maluf (PDS). Novamente, o horário gratuito ajudou na virada: Quércia alcançou Maluf (20%) e começou a ameaçar Ermírio (39%). Ao final, conseguiu 36,1% dos votos.

Mas Fernando Collor de Mello pode não seguir necessariamente a trilha da derrota de Maluf e Ermírio, que aceleraram demais na largada e perderam o embalo na chegada. "Por enquanto, ele dispara basicamente porque consegue capitalizar o mau humor geral contra o governo e por se apresentar como um componente novo, contrário às lideranças políticas tradicionais", constata o cientista político Bolívar Lamounier. Mas ele também admite que Collor pode ser uma "zebra" — em quem ninguém apostava — com fôlego para ir até o fim.

Na história das duas últimas eleições há exemplos concretos: o governador do Ceará, Tasso Jereissati, do PMDB, saiu na frente e se manteve até o final na liderança das pesquisas, derrotando a hegemonia de mais de 20 anos dos "coronéis" Adauto Bezerra, César Cals e Virgílio Távora. Em Minas também o prefeito Pimenta da Veiga, do PSDB, manteve o primeiro lugar até a reta de chegada.